

Mailson prevê dívida reduzida a 50%

22 MAR 1990

Rosental Calmon Alves

Correspondente

MAILSON

AMSTERDÃ — O ministro Mailson Ferreira da Nóbrega anunciou aos participantes da assembleia anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento que, em apenas três anos, o Brasil "poderá reduzir pela metade sua dívida de médio prazo para com os bancos". Para isso, explicou, bastaria manter o mesmo ritmo de redução da dívida conseguido no ano passado, quando cortou mais de US\$ 7 bilhões, ou aumentar um pouco esse montante anual. Otimista com as possibilidades criadas pelo Plano Brady e com oferecimentos dos próprios banqueiros, Mailson disse que "as condições para uma solução do problema da dívida estão dadas".

Ponderou o ministro que seu otimismo se baseia na esperança de que, na atual revisão da estratégia dos países industrializados, "prevaleçam as considerações de médio prazo sobre os interesses imediatistas e predominem as sérias implicações políticas e sociais sobre os cálculos puramente financeiros". Mailson disse que "a questão é urgente" e que se faz necessário que as propostas iniciais de Brady não se percam em meandros burocráticos. Ele voltou a fazer advertências sobre o aspecto político da crise latino-americana, insistindo em que "as populações não estão mais dispostas a tolerar a deterioração de seus níveis de vida".

O ministro reclamou que o Brasil e os demais países latino-americanos têm realizado grandes programas de ajustamento bem-sucedidos, obtendo, no entanto, "uma resposta modesta" dos bancos comerciais a estes esforços. Além disso, lembrou que, ultimamente, o problema da dívida se agravou por causa do aumento das taxas de juros. Nos últimos 12 meses, disse, elas cresceram 3%, anulando, assim, tanto os resultados alcançados em decorrência do esforço de ajustamento, quanto os ganhos obtidos com a renegociação da dívida externa".

Taxa fixa — Fora da retórica do discurso, o ministro comentou com jornalistas brasileiros que uma das formas de redução da dívida que vem sendo motivo de negociação com os banqueiros internacionais é limitação dos juros a uma taxa fixa. "Temos duas formas de reduzir a dívida nessas negociações", disse ele. "A primeira é reduzir o capital através de uma troca de papéis aproveitando o deságio e a compra dos títulos com desconto.

Externa
A segunda é a redução da taxa de juros, que passa a ser fixa. Foi o sistema que usamos nos *exit* (bônus de saída) no último acordo. No final, ele representou um desconto de 40% sobre o valor nominal da dívida, com duas vantagens sobre a compra com desconto: obtém-se uma redução instantânea do serviço e não é preciso usar as reservas como na compra dos títulos com desconto."

Mailson acertou, ontem, com a direção do Eximbank do Japão a ida de uma missão ao Brasil no dia 31 para finalizar negociações sobre a utilização de US\$ 1,5 bilhão oferecido ao presidente José Sarney durante sua recente visita a Tóquio. O ministro considera que essa foi "a mais positiva resposta que o Brasil já recebeu até agora para seus esforços de restabelecimento das relações com o mercado financeiro internacional e de reformas econômicas". O Brasil apresentou ao Japão projetos que aguardam financiamento, no valor de US\$ 5,5 bilhões. Os primeiros a serem beneficiados deverão ser nas áreas de energia e irrigação. O ministro destacou, porém, que "o apoio financeiro do Japão ao Brasil não se esgota nesse US\$ 1,5 bilhão", que serão aplicados nos próximos três ou quatro anos.

Na primeira quinzena deste mês, o preço da dívida latino-americana sofreu nova queda no mercado, informou a empresa especializada Shearson Lehman Hutton. A dívida do Brasil está com um deságio de mais de 70%, sendo cotada a 27-28 centavos de dólar na primeira quinzena de março. Em fevereiro, os títulos brasileiros eram transacionados a entre 31 e 33 centavos de dólar. Já os argentinos, que está atrasada com os pagamentos há quase um ano, baixaram de 18 a 19 para 17 a 18. A dívida da Venezuela (que iniciou o mês com protestos contra um pacote econômico) caiu de 35-36 em fevereiro para 28-30 centavos de dólar.